Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 350

11 DE SETEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela travessa do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Escrevo-lhes, meus caros leitores, do mesmo sitio exactamente, d'onde ha já seis annos, por este mesmo tempo, escrevi tambem uma chronica para o Occidente: do alto do Bom Jesus do Monte.

Por uma coincidencia singular, escrevo até do mesmo quarto do grande hotel do Gomes, não sei se sobre a mesma meza, mas com certeza ao pé da mesma janella, que cá de cima, das eminencias da montanha, mira o esplendido e vastissimo panorama onde se alastra, cercada de collinas, a beatissima Braga, alvejando por entre a verdura as paredes brancas das suas casas, trazendo a essa paisagem tranquilla e silenciosa, a nota alegre da vida das cidades.

Depois de quinze dias de viagem é esta a primeira vez em que eu pego na penna e que me lembro de que sou jornalista; uma coisa de que é muito bom uma pessoa esquecer-se, ao menos quinze dias no anno.

E não só me tenho esquecido de que sou jornalista, mas até mesmo de que ha jornaes.

Desde que sahi de Lisboa só encontrei tres jornaes no meu caminho:

Na Figueira um *Correio da Manhã*, que me deu a noticia tristissima de estar gravemente doente em Lisboa o dr. Paulo Midosi, um dos advogados mais illustres da nossa terra, e ao mesmo tempo um dos escriptores dramaticos que mais nomeada teve, em tempo, em theatros de Lisboa.

Quando nós entravamos no mundo, estava elle em plena voga.

O Taborda, o grande Taborda, o mais notavel e completo dos nossos artistas, e que hoje, infelizmente, só de vez em quando apparece, com algumas das suas scenas comicas a alegrar o publico, e quando se trata de favorecer o beneficio de algum dos seus collegas menos illustre, o Taborda era então o actor da moda, e Paulo Midosi era o seu propheta.

Paulo Midosi e Domingos dos Santos eram quasi que exclusivamente os fornecedores do repertorio de cançonetas, scenas comicas e pequenas comedias, que constituiam o repertorio que o Taborda tornou tão glorioso.

Paulo Midosi tinha graça deveras e sobre tudo graça á portugueza, n'essas peças.

Amigos intimos elle e o Taborda davam-se muito bem na vida e no theatro; o auctor e o actor entendiam-se ás mil maravilhas e d'ahi durante longos annos uma serie constante de applausos e de gloria.

Depois Paulo Midosi deixou-se de todo de theatro e de litteratura, dedicou-se exclusivamente á advocacia onde occupa lugar proeminente.

Eu conheço-o muito pouco: tenho tido com elle ligeirissimas relações; apenas alguns quartos de hora de cavaco, na ourivesaria do 103, no Pedro Moreira, que é um dos intimos de Paulo Midosi e onde elle era certo quasi todas as noites.

Pouco antes de sahir de Lisboa encontrei-o na rua do Alecrim e fez-me desagradavel impressão vel-o. Um lado da face e do pescoço estava enormemente inchado, uma inchação que o desfigurava e deformava completamente, e que me fez pensar nas feições decompostas e alteradas de El-rei D. Fernando, nos primeiros tempos em que se começou a manifestar externamente a terrivel doença que o havia de matar.

E por isso não me surprehendeu nada a noticia que, na Figueira, li no *Correio da Manhã*, apesar de o jornal não me dizer, nem eu saber ainda, que doença era essa tão grave e que punha em perigo a vida querida d'esse homem tão estimado pelas excellencias do seu caracter e do seu talento.

O jornal não me disse qual a doença, mas infelizmente não me parece difficil d'adivinhar.

Oxalá que me engane e que quando ahi chegue ainda me possa rir com elle na ourivesaria do Pedro Moreira, n'aquelles bons cavacos do cahir da tarde.

O outro jornal que li foi, em Aveiro, o *Reporter*, que me deu uma novidade que eu estimei muito — a da nomeação d'Eça de Queiroz, o grande romancista portuguez, para consul de Portugal em Paris.

Finalmente o terceiro jornal que encontrei, n'uma das estações do caminho de ferro do Porto a Braga, foi a *Provincia*, que trazia tambem uma noticia, bem feita e bem contada, que me impressionou: — a da exautoração de Marinho da Cruz.

Comprehenderam já, de certo, que com esta pobreza de noticias de Lisboa, não pensarei sequer ao menos, em fazer hoje uma chronica noticiosa, e limitar-me-hei a contar-lhes a correr, a viagem que eu fiz muito devagar, uma viagem á antiga portugueza, que me trouxe de Lisboa a Braga na bagatella de quinze dias!

Disse viagem á antiga portugueza por brincadeira, mas o que é verdade é que um bo-

A PRINCEZA LŒTICIA NAPOLEAO, Noiva do Principe Amadeu Duque de Aosta

(Segundo photographia)

cadinho de viagem que eu fiz agora assim, fez-me ter saudades d'esses tempos de mala-posta e de diligencias, saudades bem tolas ao mesmo tempo, porque no fim de tudo o caminho de ferro não as matou e veiu trazer-nos a possibilidade da escolha e direito d'opção.

Quem quizer a viagem rapida e barata, tem o caminho de ferro, quem quizer a viagem cara e pittoresca, tem a carruagem.

Eu optei por esta, das Caldas a Leiria, e não me dei mal.

Dei-me tão pouco mal, que até não fui a Coimbra, por não encontrar na Figueira carruagem que lá me levasse pela estrada velha, e preferi addiar a visita á cidade do Mondego, a fazel-a em caminho de ferro.

Viajar de carruagem tem sobre viajar de caminho de ferro, muitas vantagens, mas para mim uma das mais estimaveis é com certeza de não me prender ao horario dos comboyos, e de permittir o partir ás horas que se quer, parar onde se quer e não andar subjeito á sineta das estações. Não calculam quanto eu odeio as sinetas das estações e o horario dos comboyos.

Quando me lembro que esse demonio do horario me obrigou a levantar-me em Lisboa ás 5 horas da manhã para ir para as Caldas, e a levantar-me ás 6 horas e meia em Aveiro para ir para Espinho, sinto um amor ardente pelas carruagens d'aluguer.

N'essas vinguei-me eu perfeitamente de todas as tyrannias do caminho de ferro.

Para ir das Caldas á Batalha todos me diziam que era necessario partir de madrugada das Caldas para almoçar em Alcobaça, ir á Batalha e voltar a jantar a Alcobaça, regressando ás Caldas á noite, ou ir jantar á Ericeira e seguir no comboyo para a Figueira.

Eu deixei fallar toda a gente e só ouvi o meu terror á madrugada.

E ás 3 horas da tarde, com grandes exclamações de espanto dos meus conselheiros, parti das Caldas.

Ás 6 horas chegava a Alcobaça tendo gozado um dos mais bellos pontos de vista do nosso paiz, o do alto da serra de Alfeizeirão.

O hotel d'Alcobaça não é uma maravilha, mas é aceiado, limpo e alegre.

O dono chama-se o Galinha, e os jantares que fornece aos seus hospedes são quasi todos compostos exclusivamente do seu appllido.

Como nas peças d'espectaculo em theatros pobres, onde um artista desempenha a seguir sete e oito papeis differentes, em Alcobaça a galinha representa todos os papeis do *menu* do jantar. A sopa apparece-nos em canja, depois surgenos cozida, para nos reapparecer d'alli a nada de fricassé, momentos depois em cabidella de sangue, e finalmente corada com batatinhas em redor.

Não se póde dizer que o jantar seja muito variado, isso não; apenas uns biffes de vacca ou uma posta de carneiro deixam descançar um bocado lá de vez em quando a invariavel gallinha, mas o que posso affiançar é que a tal gallinha é bem cozinhada, e que antes a monotonia dos jantares aceiados de Alcobaça, do que a variedade de almoços do hotel de Leiria.

Depois de jantar e de dormir muito descançadamente em Alcobaça, levantei-me ás minhas horas habituaes, almocei e parti para a Batalha pela fresca do meio dia.

Mas ha uma providencia que protege aquelles que não madrugam, e essa providencia livrou-nos do calor até á Batalha.

Ahi vi o extraordinario templo á minha vontade, jantei gallinha e mais gallinha no restaurante em face, e parti tarde para Leiria, onde fiquei de noite, o que não quer dizer precisamente *onde dormi*, pois a noite no hotel passa-se em caçar centopeias e aranhas.

Graças á semsaboria d'essa cidade, que Eça de Queiroz tornou celebre, alli o horario do caminho de ferro metteu-me a alma no inferno porque parecia que o comboyo não chegava para me tirar d'alli.

Finalmente chegou e levou-me á Figueira, a praia mais encantadora de Portugal, onde passei cinco dias deliciosamente e que me fez achar detestavel um dia passado em Espinho.

E antes de ir para o Porto trabalhar vim por ahi acima até ao Bom Jesus, que é sempre o meu sonho de *touriste*, para o hotel do Gomes, o hotel melhor que eu conheço em todo o paiz, não só pela sua situação formosissima e pelo seu serviço aprimorado, como tambem e principalmente, pela rara sciencia de receber hospedes que tem o Gomes, o dono do hotel, um dos homens mais intelligentes e activos de Braga, actividade e intelligencia a que Braga deve quasi todos os seus modernos melhoramentos.

E francamente esta sciencia de receber hospedes é verdadeiramente preciosa n'uma terra onde na maioria dos hoteis todos os recebem com maneiras e cara de quem os quer despedir.

Tenho que terminar aqui a minha chronica d'hoje, porque o correio está a fechar, e o correio, como o comboyo, tambem não espera.

Até á proxima chronica, que naturalmente será já escripta no Porto.

Gervasio Lobato.

O NOSSO SUPPLEMENTO

PINHEIRO CHAGAS

Não penso de fórma alguma em fazer aqui a biographia de Pinheiro Chagas, nem um estudo sobre esse extraordinario e assombroso escriptor; fazer n'um pequeno artigo a historia de um grande homem e de um grande homem que é ao mesmo tempo grande na immensidade de differentes generos em que fulguram as suas variedissimas e estranhas aptidões, é mais exercicio para um prestidigitador do que trabalho para um jornalista.

Além d'isso, a vida de Pinheiro Chagas é bem conhecida de toda a gente, a sua excepcional individualidade está tão em evidencia, occupa logar tão proeminente na nossa terra e no nosso tempo, que todos a conhecem, que todos a respeitam, que todos a admiram no seu justo e grande valor. E ha d'esta estima e d'esta adoração unanime d'um paiz inteiro por um dos seus primeiros homens, uma affirmação brilhante e excepcional que está bem viva ainda no espirito de todos. Referimo-nos, como todos sabem já, ás manifestações extraordinarias de que Pinheiro Chagas foi alvo recentemente quando a morte pairou sobre elle longos dias e longas noites. O que se passou em Lisboa, o que se passou em Portugal, honra tanto o povo que assim sabe comprehender e avaliar o merecimento excepcional d'um talento e d'um caracter, como honra aquelle que sabe conquistar e sabe merecer essa sympathia enorme, essa admiração unanime.

A angustia que dominou todo o paiz quando a noticia, de que Pinheiro Chagas estava em perigo de vida, sahiu da sua modesta casa da rua de S. Joaquim e se espalhou por todo o reino com a rapidez das más novas: e a alegria que exhultou Portugal inteiro quando se soube que o grande escriptor estava salvo, substituem-se eloquentemente aos mais auctorisados panegyricos, ás mais brilhantes apotheoses, dizem mais e melhor do que o diriam longos artigos, quanto vale o talento extraordinario d'esse extraordinario homem, quanto vale o trabalho excepcional d'esse excepcional trabalhador.

E d'ahi vem de todo o paiz saber perfeitamente quem é Pinheiro Chagas, que tudo que ácêrca d'elle se possa dizer terá por força um grande tom de banalidade, que é no fim de contas o menor elogio das suas raras aptidões privilegiadas, e da influencia enorme que tem no nosso paiz e no nosso tempo o seu prestigioso talento, a sua poderosa individualidade!

* * *

Eu não conheço no meu paiz, nem lá fóra, uma organisação tão extraordinaria como a de Pinheiro Chagas, nenhum grande homem que se lhe possa comparar na diversidade de aptidões e na pujança d'ellas.

Se tomarmos cada uma d'essas aptidões separadamente e formos procurar por ahi fóra, por toda a Europa, pontos de comparação, encontraremos não muitos, mas um numero limitado d'elles.

Não abundam no nosso tempo auctores dramaticos como o auctor da *Morgadinha*, mas ha alguns; não abundam jornalistas como o director do *Correio da Manhã*, mas apparecem raros; não abundam oradores como o nosso famoso parlamentar, que alliem a eloquencia tribunicia á primorosa fórma academica, que alliem á belleza rara do estylo a rapidez instantanea da inspiração, mas alguns se encontrarão; o que não encontramos, porém, é um grande orador que seja ao mesmo tempo um grande litterato, um brilhante dramaturgo, um erudito historiador, um eminente jornalista, um profundo politico, um sabio professor, um espirituoso folhetinista, um romancista imaginoso, tudo ao mesmo tempo, tudo em tão alto e brilhante grau, como o é Pinheiro Chagas.

E depois de tudo isto, depois de procurarmos sem encontrar um cerebro tão excepcionalmente organisado procuraremos tambem, sem encontrar talvez, um coração tão excepcionalmente bom como o de Pinheiro Chagas, a alliança felicissima d'essas duas coisas tão raras de encontrar no mundo mesmo separadas, e que tão raramente se encontram juntas—um grande talento e um grande caracter.

* * *

Publicando hoje no seu supplemento o retrato de Pinheiro Chagas, o Occidente, tendo a certeza positiva de que faz aos seus assignantes um brinde para todos valiosissimo, presta assim mais uma vez a homenagem da sua consideração profunda, da sua sympathia enorme pelo extraordinario escriptor, orador e homem politico, que é hoje a mais radiosa e triumphante gloria da Patria.

E a pessoa que escreve estas linhas, pondo o seu egoismo acima dos interesses litterarios do jornal, não quiz deixar a mais ninguem a subida honra de escrever o rapido artigo para acompanhar o retrato de Pinheiro Chagas, para mais uma vez prestar publico testemunho da sua amizade fraternal e da sua admiração enthusiastica pelo glorioso escriptor de quem é o mais dedicado e o mais obscuro dos amigos e dos discipulos.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRINCEZA MARIA LŒTICIA NAPOLEÃO

A viagem que os reis de Portugal andam fazendo, n'este momento, pela Europa, prende de algum modo com o casamento do principe Amadeu, duque de Aosta, e irmão de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, com a princeza Maria Lœticia Napoleão.

Este casamento principesco, que se realisa hoje em Turim, será effectuado com a assistencia de El-Rei D. Luiz, rainha D. Maria Pia e infante D. Affonso, que acabam de reunir-se n'aquella cidade.

Os laços de parentesco que prendem as duas familias reinantes de Portugal e da Italia são bastante intimos; é por isso os reis portuguezes indo assistir ao casamento do principe Amadeu, correspondem delicadamente ao valoroso filho de Victor Manuel, que veio assistir, em Lisboa, ao casamento de S. A. o Principe D. Carlos

O principe Amadeu, de quem publicámos o retrato a pag. 141 do IX vol. com algumas notas biographicas, enviuvou da princeza da Cisterna D. Maria Victoria Carlota Henriqueta Joanna, em 8 de novembro de 1876, poucos annos depois de ter abandonado o throno de Hespanha, e a grande magua que esta viuvez deixou em seu coração, foi bem notoria em toda a Europa, e o estado de saude do principe chegou a inspirar cuidados.

A princeza Maria Lœticia Napoleão, cujas virtudes tiveram o poder de captivar o inconsolavel viuvo, é filha do principe Napoleão Jeronymo José Carlos e da princeza Clotilde Maria Thereza Luiza, e nasceu em Paris, a 20 de dezembro de 1866.

Possuidora de educação esmerada e dos mais finos dotes de espirito, a princeza Maria Lœticia, vae ser, além de uma boa esposa, uma digna segunda mãe dos filhos que o principe tem do seu primeiro consorcio, e são: os principes Manuel Felisberto, Victor Manuel e Luiz Amadeu que nasceu em Madrid, durante o pequeno reinado de seu pae, a 31 de janeiro de 1873.

Ha algumas circunstancias curiosas no parentesco que este casamento vae estabelecer.

A princeza Maria Lœticia casando com seu tio, principe Amadeu, fica sendo sogra de seus primos e tia do principe de Napoles, seu primo em primeiro grau. Fica sendo cunhada e sobrinha de el-rei D. Luiz e da rainha D. Maria Pia, e tia dos duques de Bragança, o principe D. Carlos e a princeza Amelia. Torna-se cunhada de sua mãe, e seu marido, genro de sua irmã a princeza Clotilde e seu marido etc.

O casamento da princeza Maria Lœticia, tem despertado as maiores sympathias, em grande

parte das familias reinantes da Europa, seus parentes, o que tem dado logar a estes lhes offerecerem valiosos brindes de nupcias.

BERNARDIM RIBEIRO

ESTATUA POR ALBERTO NUNES

A formosa esculptura que reproduzimos em gravura a paginas 204, é mais uma obra notavel do esculptor, sr. Alberto Nunes, auctor da estatua da Independencia, que se vê no monumento aos Restauradores de Portugal, e de outras bellas esculpturas, que affirmam exhuberantemente o talento do seu auctor.

A estatua de Bernardim Ribeiro, o mavioso poeta, é uma esculptura primorosa, o producto de um momento de inspiração feliz, em que a arte triumpha, no gesso ou no marmore, dando vulto a um personagem real, com toda a verdade que a tradicção transmitte, e de que o artista se possuiu sentidamente para produzir a sua obra.

Esta esculptura não é uma figura aprumada, ou em *pose* mais ou menos academica; pousa livremente, na posição despreoccupada e vulgar em que melhor se achou, para fazer cantar o seu instrumento, e está n'isso a sua grande qualidade, pela correcção com que o esculptor realisou essa posição naturalissima.

Esta obra d'arte é destinada ás salas do palacio, em Evora, do sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, que a encommendou ao sr. Alberto Nunes.

Felicitamos o artista pela magnifica estatua que modelou, e ao sr. Dr. Barahona pela excellente acquisição que faz de uma obra d'arte de primeira ordem.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

GALERIA GUILHERME STEPHENS
E PAVILHÃO D. CARLOS

(Continuação)

Segundo uma descripção do conde de Laborde, o processo que, ha alguns seculos, se empregou no fabrico do esmalte *repartido*, ou *cloisonnè*, era o seguinte: traçava-se o desenho n'uma folha delgada de metal, e, seguindo os diversos repartimentos do mesmo desenho, contavam-se laminas proporcionaes a essas secções. Estas laminas, reproduzindo todos os contornos do desenho, eram sobrepostas entre si formando espessuras de 0,m001 a 0,m004; é assim que, applicadas as secções em relevo á placa geral, se dizia que peça era *cloisonnèe*, repartida. Depois distribuia-se por cada um d'esses *repartimentos* o pó de esmalte, o liquefactivo, e os oxydos metallicos collorantes conjunctamente pulverisados; em seguida levava-se a placa ao forno, herissada do seu desenho, para conseguir a fusão. Logo que esfriava, isto é, no momento de ser pulida, unia-se tudo como um espelho mosaico, e as linhas limitrophes dos diversos repartimentos, ou *cloisons*, vinham aflorando n'um traço delicado e scintillante, como que a desenhar as divisões das côres esmaltadas e o contorno geral do todo este brilhante matiz. O dourado vinha então imprimir uma feição singular aos traços dos rostos das figuras representadas e ás sombras das roupas, a essas delicadissimas *illuminuras*, que tanto ainda nos dominam hoje nos templos, e que no *cloison* sobresaem, n'um tom cheio de brilho metallico, de entre o vivo collorido do esmalte translucido.

*

Como se sabe o *cloison*, hoje, é rarissimo, não só pela sua antiguidade como porque era geralmente, fabricado sobre fundo de ouro sendo as laminas dos *repartimentos* tambem de ouro; é por isso talvez que poucos escaparam ao cadinho do ourives, quando os caprichos da moda aboliram a esmalteria.

O museu do Louvre possue alguns *cloisons* notaveis. Ha alli n'uma caixa do seculo XI, nada menos de vinte e dois; quatro de fórma rectangular representando os symbolos dos quatro evangelistas, os restantes são de diversas fórmas geometricas sem deffinida applicação. Além da França, a Italia, tem na egreja de S. Marco, em Veneza, um bello *cloison* chamado *la Palla d'oro* do seculo XI. Na Allemanha pode ser visto, em Aix-la-Chapelle, um relicario de Nossa Senhora, do seculo XII; ha ainda outro relicario na cathedral de Colonia, da mesma epocha. Na bibliotheca real de Munich ha uma recamara contendo um Evangeliorio tambem do seculo XII e uma capa de outro Evangeliorio, do seculo XI. Na Dinamarca ha uma cruz, do mesmo esmalte, do seculo XIII, encontrada no tumulo da rainha Dagmar; está hoje no museu real de Copenhagem. Na Austria, o thesouro imperial de Vienna tem a propriedade de uma espada *cloisonnè*, que se suppõe ter pertencido a S. Mauricio; o seu esmalte pertence ao seculo XIII; e possue tambem a corôa, espada e luvas de Carlos Magno, exornadas do mesmo raro esmalte.

Em Inglaterra existe um pequeno medalhão do seculo XI, achado em 1840 na Thames-Street em Londres, que pertenceu ao celebre amador mr. Smith; e uma cruz do seculo XII, que, depois de por muito tempo haver figurado na collecção do conhecido collecionista francez Debruge-Dumesnil, tornou-se propriedade do inglez A. J. Beresford Hope. Não nos recorda que haja mais algum. Estes são os principaes objectos sobre que se notam exornos de esmalte, pelo systema de repartimento, ou *cloisonnage*. Não temos a certeza, recorda-nos porém ainda que na Belgica ha uma cruz, *cloison*, proveniente, dizem-nos, do mosteiro de Ognies, a qual se encontrava, não ha muitos annos, no edificio das freiras de Nossa Senhora em Namur,— creio que pertence tambem aó seculo XII.

Temos descripto a galeria *Guilherme Stephens*, uma das mais interessantes da Exposição Industrial e se nos demorámos algum tanto sobre a installação dos *cloisons* (imitação) é que além de querermos dar uma idéa da antiguidade e fabrico da *cloisonnerie*, fôra tambem a installação dos srs. Lopes & C.ª, o objecto da nossa gravura no OCCIDENTE n.º 347. De facto, n'um pequeno pavilhão octogonal lá estão expostos pratos imitando a louça de esmalte repartido, ou *cloisonné*.

Entremos no pavilhão de D. Carlos. É o primeiro á esquerda ao entrar no recinto da Exposição Industrial.

A nossa direita a primeira exposição que se nos depara é a da fabrica de louça de João Roseira, fundada em Lisboa no anno de 1833. Esta antiga fabrica expõe, em quinze differentes padrões, mosaicos de azulejos, columnatas para vasos, pratos fructeiros grandes, e barro vermelho.

A fórma do desenho é elegante, os productos estão bem acabados, porém, para avaliarmos o desenvolvimento d'esta fabrica, seria bom que o expositor, por seu turno ou por indicação da commissão executiva, pozesse sobre os objectos expostos, um pequeno cartão contendo o preço de cada um d'estes.

Assim, conhecida a data da sua fundação e dada a sua producção annual, pelo preço dos seus productos se comprehendia o seu consumo e se avaliaria o seu desenvolvimento. Porque quanto menor fôr o preço e maior a producção, o consummo augmenta necessariamente. E convençamos-nos de uma coisa, estas indicações são indispensaveis. Porque as exposições mudas de nada servem, visto não haver meio de apreciar o seu valor economico ou industrial, por isso que se ellas não demonstram desenvolvimento pelas razões que expomos, não servem tambem de estudo porque não apresentam as phases porque passa o producto, desde a materia prima até estar exposto á venda.

A fabrica de Sacavem expõe bules, jarros e bacia para abluções, fructeiras para exornar paredes e diversos exemplares de peças de serviço de mesa. Esta fabrica está estacionaria, ou o mesmo é dizer, o seu progresso tem sido muito limitado por quanto produz o mesmo que ha vinte annos.

Fabrica das Devezas, do Porto, apresenta uma bella imitação de jarras da India, figuras para jardim, como as do Inverno, Verão, Primavera e Outomno. Tem preços, e accusa algum progresso na pintura e no desenho. Temos mais os seguintes expositores: Manuel José dos Santos que expõe estatuetas representando diversos typos de vendedores e trabalhadores das ruas e dos nossos campos; Viuva Ribeiro & Filhos expõe balaustres, barro vermelho, vazinhos vidrados, talhões ornamentados e lisos, da sua fabrica de productos ceramicos. Estes productos são conhecidos do publico. Mas é justo dizer que pouco tem avançado, por aqui, a ceramica nacional. Os sr.s Murat & C.ª do Porto expõem marmores de Chão de Maçãs, vimos n'um quadro cinco especies; e em obra: um fogão de parede e um lavatorio, o marmore é de boa qualidade, muito bem polido; o expositor tem o preço de cada objecto e seja-nos licito affirmar que é este muito convidativo.

Resta-nos a fabrica de productos ceramicos de Alcantara. Esta fabrica tem os preços correntes dos objectos que expõe, constantes de: louça ordinaria de uso para mesa, azulejos, barro vermelho, telha, tijolos e tubos de diversos generos, balaustres, vazos, figuras, funis de algeroz, etc. Ao barro empregado em estes productos ceramicos, no seu preparo, extrae-se-lhe toda a pedra ou qualquer outro corpo estranho.

Temos agora a exposição de uma industria nacional que pela primeira vez apparece em larga escalla concorrendo ao mercado portuguez.

É a das betonilhas.

Ha cinco ou seis annos já nós sustentamos uma polemica na *Democracia* com um industrial inglez, provando largamente que em Portugal tambem se trabalhava o betton a produzir concorrencia com o que melhor se fazia em Inglaterra.

Hoje é uma industria nacional.

A *Empreza Nacional de Betonilhas* de Castro & C.ª que tem por director technico o sr. Liberato Telles, conhecido e habil conductor de trabalhos do ministerio das obras publicas, expõe entre muitos objectos, balaustres Luiz XV, lavatorios, piso para vestibulos, uma copia de um medalhão da Sé Velha de Coimbra e outra do celebre mozaico *cave canem*, achado em Pompeia e do qual todos tem ouvido, certamente, fallar.

Esta foi tirada de uma gravura de Ernest Bosc.

Vamos agora occupar-nos d'esta exposição que e bem digna de mencionar-se.

(Continua.) *Manuel Barradas.*

ARTES E OFFICIOS

O ENSINO PROFISSIONAL NO ALBERGUE NOCTURNO

A ESCOLA DA ASSOCIAÇÃO

(Continuado do n.º 349)

N'estas condições, sem o ensino intellectual indispensavel, pois que só este lhe poderia accender desejos de inventar melhores processos, o trabalho torna-se-lhe sacrificio pesado, e o que só ambiciona é obter em troco de poucos exforços da intelligencia — o maior salario.

Quantas e quantas forças se não veem perdidas por falta de uma sã direcção á mocidade! Transtornos são estes que se podem e devem evitar, se uma lei vier em soccorro da nova geração, que se destina ás diversas profissões mechanicas.

Agora, acceitando que aos moços, cuja intelligencia é impressionavel e activa, se ministra largo ensino profissional, advirá que os espiritos nutridos com seriedade, bem preparados, e por isso aptos para o trabalho, irão mais precavidos contra a concorrencia, e de faculdades aperfeiçoadas para crear e inventar. Em resolver este problema é mister cuidar seriamente. Convém habituar os adolescentes, o mais cêdo possivel, ao trabalho manual, não executado nas officinas mas na escola primaria convenientemente organisada para esse fim.

A escola decretada pela lei de 2 de maio de 1878 não encerra as condições precisas de uma tal educação. Em seu programma, quer no ensino elementar ou complementar, a lei estabelece apenas o elencho das disciplinas a ensinar, não se afastando do campo das theorias. [1] Com relação a preparo de alumnos, de modo que elles sáiam da escola com as suas aptidões definidas, e com as vocações sondadas, para virem alistar-se depois nas fileiras do trabalho, é coisa de que alli se não tractou. Temos, pois, na instrucção primaria os mesmos vicios de organisação, que já discutimos, fallando do ensino secundario. Se este não prepara ou educa para o ensino profissional, e sómente para as carreiras civis; aquelle do mesmo modo só prepara para o ensino secundario. É de instante necessidade, portanto dar ás escolas de ensino elementar uma nova organisação de modo que as creanças aprendam a theoria applicada á pratica, e não recebam explicações abstractas. Modernamente n'estas escolas estão-se executando exercicios, denominados — *lições de coisas;* isto é, apresenta-se um objecto á creança, procurando o mestre, por meio de uma dissertação, que o alumno fique sabendo a estructura d'esse objecto. Mostra-se á creança um quadro, onde se encontram diversos exemplares: *milho, trigo, cevada, o pinhão, a linhaça, o carvão,* etc. etc... e, á força de repetições, fica o alumno

[1] Veja-se o art. 3.º da L. de 2 de Maio de 1878.

BELLAS-ARTES

BERNARDIM RIBEIRO—ESTATUA POR ALBERTO NUNES

(Desenho de A. Ramalho)

sabendo o que sejam aquelles objectos, e como se obtem. Tudo isto, porém, exprimindo apenas a boa vontade em progredir, não satisfaz os nossos intuitos e necessidades. É mister ir mais longe. Cumpre que a creança veja com os olhos e comece a executar com as mãos o que a impressionou. Os labores em miniatura, sob o aspecto de brinquêdo não enfadam a adolescencia; antes lhe desenvolvem o gosto pelo trabalho, e lhe distraem o espirito. De madeira, gesso e barro podem os alumnos muito bem copiar do desenho á vista; e não só criam amor ao artefacto, bem como dão logo a conhecer qual a arte ou officio, para que os chama a propensão.

Ensinar, por exemplo, a desenhar, o que é isto? É habilitar a creança a reproduzir a lapis. Não é bastante. Ella desenhou o navio, quer dizer que o reproduziu em desenho. Mas, se a creança

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

PAVILHÃO DA IMPRENSA OU DAS ARTES GRAPHICAS

(Desenho de J. R. Christino)

reproduziu bem, segue-se que a boa reproducção accusa tendencia para construir o objecto. E porque se não ha de encaminhar o alumno a reproduzil-o, posteriormente, em artefacto de dimensões pequenas, e successivamente outros modelos?

Este ensino positivo é que a lei não consignou na reforma da instrucção primaria em 1878.

Só póde ser resolvido, portanto, o problema, creando-se muitas escolas profissionaes. Ordinariamente é aos 12 annos, e a contento dos paes, que os menores começam de aprender um officio; n'esta edade, porém, é já tarde para dar começo aos trabalhos manuaes; e ainda muito cêdo para que elles se exponham ás influencias deleterias da officina. Para remover taes inconvenientes, repetimos, é forçoso que as creanças tenham uma escola, onde, ao receberem o ensino theorico, vão acostumando-se egualmente a executar obras por suas mãos sob a direcção dos mestres, e onde possam continuar gratuitamente até aos 14 ou 15 annos. D'este modo, o alumno, sahindo da escola em tal edade, entra na officina com a instrucção theorica e com a instrucção pratica; virá sabendo a technologia do officio, que pretende exercer, e traz conhecimento das respectivas manufacturas modeladas na escola. Não conhecendo absoluta differença do logar d'onde vem e onde está, o seu desenvolvimento é certo, transformando-se depois em operario perfeito e cheio de aspirações, que lhe darão riqueza.

Uma creança, entrando cêdo, como é costume, para o officio, gasta parte da sua vida servindo os mestres, e só mais tarde é que principia a receber as primeiras noções praticas. Segue-se que o tempo alli despendido a servir a extranhos, fazendo recados, póde aproveital-o na escola, largando depois a mesa do desenho para o banco do officio.

O remedio, não cessaremos de o repetir, para a cura d'estes males, é estabelecer escolas profissionaes bem organisadas e com mestres idoneos. Este ensino deve começar na escola elementar, terminando na escola complementar.

Note-se que o ensino primario organisado em bases, que a lei estabelece, não satisfaz ás exigencias da civilisação. Cumpre remodelal-o, a fim de que ahi se possa implantar com segurança o ensino de diversas profissões. O desenho geometrico professado, como está sendo na instrucção primaria, é deficientissimo; convém, pois, dar maior extensão aos respectivos programmas, conduzindo os alumnos á pratica do desenho de variados modelos. É egualmente de instante necessidade reformar os programmas de desenho nas escolas normaes, para que os mestres que d'alli sairem, cheguem preparados e aptos para o ensinamento dos exercicios profissionaes.

Acabe-se de uma vez para sempre com a tendencia de crear instituições só para superiores; é de reconhecida intuição fundar escolas, que deem operarios. Temos institutos, avondo, que nos dão: medicos, legistas, artilheiros, engenheiros e ecclesiasticos; — cumpre-nos instituir agora outros, que nos produzam soldados e operarios.

NOTA A

Relação dos alumnos que frequentaram simultaneamente a escola theorico-pratica com designação dos logares que actualmente occupam:

Miguel Ventura da Silva Pinto, — preparador e demonstrador dos cursos de physica e chimica no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa;

É sem duvida o mais illustre dos alumnos da escola theorico-pratica de 1853. Para a demonstração do que seria bastante a lista subsequente de seus principaes apparelhos e inventos. A saber:

Pendulo electro-magnetico. — Para demonstrar o movimento de rotação da terra. Funda-se na bella experiencia de Foulcaut, da invariabilidade do plano das oscillações circulares do pendulo; e foi premiado na Exposição universal de Londres, em 1862. Vide a sua descripção, pelo auctor, na *Revista de Portugal e Brazil*, 1.º volume, 1873-1874.

Rarefactor hydropneumatico. — Vide o *Jornal das sciencias mathematicas physicas e naturaes da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, n.º 9 de 1870.

Machina hydropneumatica *de laboratorio*, com destino á filtração accelerada dos liquidos. (Vide o mesmo jornal).

Machina hydropneumatica. Aperfeiçoada. Para os gabinetes de physica e varias experiencias e demonstrações praticas nos cursos de physica applicada (Vide a descripção pelo auctor no jornal citado, — n.º 13 de 1872).

Apparelho de filtração pneumatica. — Para vinhos. Em collaboração com o conselheiro J. J. Ferreira Lapa. (Vide *Archivo Rural* — anno 1871).

Mano-piezometro. — Instrumento destinado a medir alternadamente pressões inferiores e superiores a uma athmosphera (Vide a memoria descriptiva, do auctor, no n.º 12 — anno de 1871) — do *Jornal da Academia das Sciencias*.

Novo filtrador pneumatico.—Para vinhos e outros liquidos não corrosivos. (Vide o *Jornal da Academia*—n.º 13—1872. Foi premiado na exposição de Vienna d'Austria em 1873).

Sulfurador automatico simples.—Para sulfurar vasilhas, garrafas, odres, etc.; e *duplo*, para vinhos e vasilhas. (Vide *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*—e *Revista d'Obras publicas e Minas*, anno de 1871 e 1872).

Sulfurador para vinhos e videiras.—Podendo servir de *fumigador volante*. (Vide *Jornal de Horticultura Pratica*, do Porto, volume 8.º, n.º 3, de Março de 1877).

Torniquete hydraulico de sifões repuchantes. (Vide o *Occidente* volume 6.º, n.º 173—e *Gabinete de leitura*, n.º 2).

Fumigador sulfhydro-thermico.— (Vide *Occidente* volume 7—n.º 207).

Sulfurador auto-ustullador—(Vide *Occidente*, volume 7—n.º 208 e *Jornal da Academia*, n.º 39 de 1884).

Telegrapho electrico-phonico ou acustico de commutadores conjugados.—(Descripto n'um folheto, em francez, 1873).

Apparelho chlorogenio (para a producção do gaz chloro por meio do *chloreto de cal do commercio e do acido chlorydrico ordinario*, a frio) destinado ás fumigações em camaras de desinfecção, e a outros usos.

PUBLICAÇÕES

Memoria sobre a theoria do rarefactor e a nova machina hydro-pneumatica. Lisboa, 1872. Apresentada á Academia das Sciencias e publicada no seu jornal n.º 13, de 1870.

Do sulfurador automatico e do novo processo de sulfuração ou mechagem dos vinhos e do seu vasilhame. Lisboa, 1874.—(Um folheto de 65 pag).

Dos novos sulfuradores de Silva Pinto e da sulfuração dos vinhos e das vinhas. Lisboa, 1876.

Sobre um novo manometro mano-piezometro de Silva Pinto. Lisboa, 1871.

A propos du choléra—Le fumigateur sulf-hydro-thermique, et la sulfurateur auto-ustullateur ou les nouveaux appareils de désinfection par le gaz acide sulfureaux humide et sec, par Miguel Ventura da Silva Pinto—Lisbonne—1883.

Antonio José dos Santos,—mestre da officina pyrotechnica, em Braço de Prata;

Este industrial tem o curso de constructor de instrumentos de precisão.

INVENÇÕES E APERFEIÇOAMENTOS

1.º—Apparelho mechanico com breaks, com applicação em planos inclinados para o transporte de wagons.

Foram já construidos dois apparelhos d'este genero na fabrica Phenix e montados na mina de ferro dos Monges.

2.º—Caixa para moldação de estrellas dos foguetes de signaes, para uso da marinha (empregando a prensa hydraulica).

3.º—Caixa de bronze para o fabrico dos lapis de misto para as espoletas de tempos m/1882 e outras (empregando a prensa hydraulica para a compressão).

4.º—Prensa de bronze, para o carregamento de espoletas de tempos, para granadas com balas 8c m/1884.

5.º—Systema de calcadores para serem applicados na prensa hydraulica, ao carregamento de foguetes de signaes.

Estes apparelhos construidos na fabrica d'armas, e na fundição de canhões do arsenal do exercito foram authorisados e approvados pelo general de divisão João Manuel Cordeiro, commandante geral da artilheria, mediante proposta feita pelo capitão do estado maior d'artilheria, director da officina Pyrotechnica, Marianno Joaquim da Costa Sousa Feio. (Estão em uso na mesma officina).

Construcção e reparação d'apparelhos telegraphicos.—Trabalhos executados sob a direcção do habil constructor, antigo alumno do collegio do arsenal do exercito e do instituto industrial, o sr. Maximiano Herrmann:

1.º Construcção de quadros indicadores;

2.º Construcção de commutadores:

—Estes apparelhos estão em uso nas estações telegraphicas do caminho de ferro do norte e leste.

3.º Modificação dos antigos apparelhos do systema Morse de ponta secca e de tinteiro com *relais* segundo o systema do sr. Herrmann, de tinteiro sem *relais*;

—Estes trabalhos foram mandados executar pelo insigne engenheiro e fundador do Instituto Industrial, José Victorino Damasio, quando exercia o logar de director geral dos telegraphos.

4.º—Construcção de receptores *Morse*, systema Herrmann;

5.º—Construcção de despertadores de duas direcções e de outros apparelhos para uso do telegrapho do Governo.

—Todos estes trabalhos foram executados na officina que teve principio na rua do Mirante, em casa alugada de sociedade entre o auctor, o sr. Herrmann e o sr. Torres, actualmente empregado na Escola do Exercito; pertencendo parte das ferramentas a este ultimo, ficando depois a cargo do sr. Herrmann a casa e a officina, que se acha actualmente na calçada do Lavra, muito melhorada e augmentada.

Construcção de instrumentos de precisão.—Compasso de aço para a resolução de problemas de trignometria espherica.

Este trabalho foi mandado executar pelo sr. Lourenço Malheiro, habil engenheiro de minas, e feito na officina mechanica Veritas Santos & C.ª

MONTAGEM DE MACHINAS

1.º Montagem de uma locomotiva *tender*, para serviço do *tramway* da mina dos Monges. Esta machina foi construida em Inglaterra.

2.º Montagem dos apparelhos mechanicos e breaks de tres planos inclinados da serra da mina dos Monges. Um d'estes apparelhos funcciona com dois cabos d'aço e foi construido em Inglaterra; os dois restantes são de invenção do citado industrial A. J. dos Santos; construidos em Lisboa, e funccionam com um só cabo de aço.

CONSTRUCÇÃO DE MACHINAS DE VAPOR

1.º Dirigiu a construcção de um motor da força de 5 cavallos effectivos systema Farcôt; modificado pelo sr. Linder, de Lisboa. As peças foram fundidas na extincta fabrica Linder & C.ª, e os restantes trabalhos foram feitos na serralheria mechanica Veritas Santos & C.ª, de que foi socio gerente na parte industrial. Esta machina funcciona diariamente ha 8 annos, na fabrica de gesso, e betumes, sita na Praia á Junqueira onde foi installada, e onde póde ser examinada com authorisação do proprietario, activo industrial, o sr. Silva.

LOGARES QUE TEM EXERCIDO

1.º Encarregado da reparação e conservação dos apparelhos telegraphicos do caminho de ferro do norte e leste (1863 a 1870);

2.º Alumno da escola naval de que tem o curso de engenheiro machinista, embarcou nas corvetas *Estephania* e *D. Henrique* como ajudante machinista, fez viagens a Cadiz e a Tanger; pedindo em seguida a demissão (1871 a 1873).

3.º Chefe das officinas da mina dos Monges e encarregado dos ensaios chimicos dos minerios; (1873 a 1878);

4.º Socio gerente da parte industrial da serralheria mechanica a vapor, Veritas Santos & C.ª; (1878 a 1880);

5.º Mestre da officina pyrotechnica do Commando Geral da artilheria (1881) até á actualidade, 25 de janeiro de 1886. Foi nomeado por concurso de provas praticas, theoricas e documentaes. Ordem da 3.ª repartição da extincta direcção geral da artilheria n.º 123, de 30 de Dezembro de 1880.

Em 1878 visitou a Exposição Universal de Paris, museus e muitos estabelecimentos industriaes n'aquella cidade e no Havre, sendo as despezas d'esta viagem de estudo feitas á custa de suas economias de operario.

(Continúa).

Dr. Luiz Jardim (Conde de Valenças).

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Continuado do n.º 348)

III

MADEIRA E AÇORES

O conde de Oeiras mandou em seguida ás ilhas adjacentes.

No dia 7 de julho de 1760 levantou ferro para as ilhas da Madeira e dos Açores a nau *Nossa Senhora da Natividade*, commandante João da Costa de Brito, capitão das fragatas da armada real, que levava por segundo capitão o conde de S. Vicente, Manoel Carlos da Cunha.

O commandante Brito tinha recebido ordem para emquanto permanecesse no porto de Lisboa e á saida d'elle não dar a perceber qual era o fim da sua viagem. Insinuara-se-lhe que fizesse comprehender que ia de guarda costa alimpar os mares adjacentes. E eram estas as suas instrucções:—passar ás ilhas da Madeira, Fayal, Terceira e S. Miguel, em cada uma das quaes, apenas chegasse, faria desembarcar o conde de S. Vicente, com os officiaes e soldados que elle pedisse;—dar todo o auxilio que lhe fosse requerido, tanto por parte do conde de S. Vicente como dos governadores insulanos, para o embarque dos jesuitas;—observar no transporte d'elles para o continente as indicações do mesmo conde, assim quanto a não communicarem com a equipagem, como á fórma de se lhe administrar o alimento, e o mais necessario;—finalmente, á chegada a Lisboa, cumpria-lhe só dar parte á torre do registo de que vinha das ilhas e da tripulação que trazia, sem fazer mais nenhumas declarações, ficando incommunicavel até receber novas ordens. [1]

Do numero de jesuitas existentes nas ilhas da Madeira e dos Açores o governo tinha recebido a seguinte informação:

«Na cidade do Funchal 9 padres, 2 coristas e 4 leigos	15
«Na cidade de Angra 13 padres, 2 coristas, e 3 leigos	18
«Na cidade de Ponta Delgada 11 padres, 2 coristas e 3 leigos	16
«Na Villa da Horta 8 padres e 3 leigos	11
Total	60

O conde de S. Vicente ia encarregado de executar pessoalmente as ordens do conde de Oeiras para a expulsão e embarque dos jesuitas n'aquellas partes da monarchia portugueza; e era portador dos seguintes despachos remettidos ao governador e capitão general da ilha da Madeira, aos governadores da Terceira e de S. Miguel, e ao capitão-mór da Villa da Horta, na ilha do Fayal, que fazia as vezes de governador:

1.º Cartas regias aos governadores, determinando:—que, apenas se instruissem do conteúdo n'ellas, chamassem á sua presença o ministro ou official de guerra mais digno de confiança, afim de proceder de noite ao embarque de todos os jesuitas que lá houvesse;—que no dia immediato ao do embarque fizessem publicar ao som de caixas, com as tropas formadas e á testa d'ellas, as duas leis ultimamente promulgadas, tanto para a expulsão dos clerigos regulares da Companhia de Jesus como para serem guardadas nos archivos municipaes de todo o reino os documentos destinados a perpetuar a memoria de suas culpas;—que haviam de remetter, com toda a exactidão e brevidade, o inventario do sequestro nos bens dos jesuitas, com a declaração das sommas liquidadas, deduzindo-se sempre o que fosse mister para satisfazer ás obrigações do culto divino e ás disposições testamentarias;—e, quanto aos templos, collegios e noviciados, por serem casas puramente religiosas e immediatamente dedicadas ao serviço da Egreja, deviam ser entregues á administração do ordinario, com exclusão das residencias e grangearias abusivamente denominadas *missões*.

Juntamente com as cartas regias era enviado a cada governador um exemplar impresso da *Collecção dos breves pontificios, leis regias e officios*, por onde constavam os justos motivos da expulsão dos jesuitas.

2.º Dois maços dirigidos aos bispos do Funchal e de Angra ou, na falta d'elles, aos respectivos cabidos, contendo duas cartas regias, como as que estão compiladas sob n.os XVII e XVIII da citada *Collecção*, para se guardarem no archivo do bispado, segundo o espirito da lei dada em 3 de setembro e publicada em 3 de outubro de 1759. Todos estes papeis deviam os dois governadores da Madeira e da Terceira entregar aos respectivos prelados logo depois de publicada a lei da expulsão dos jesuitas, isto é, no dia immediato ao embarque d'elles, como ia expressamente declarado n'uma carta de secretaria, de 5 de julho, dirigida a cada um dos governadores d'aquellas ilhas. De sorte que a remessa d'esses documentos aos bispos do Funchal e de Angra, se á primeira vista parecia um acto de cortezia e deferencia com o poder espiritual, era na realidade de nenhum effeito, porque só depois de consummados os dois factos do embarque dos jesuitas

[1] Carta regia de 4 de julho de 1760.

e da publicação da lei que os expulsava de todo Portugal tinham os bispos noticia d'elles, e, o que mais é, quando a faculdade que lhes era commettida de conceder demissorias aos religiosos do terceiro voto que quizessem aproveitar o indulto permittido por uma das dictas cartas regias (xvii) não podia certamente exercitar-se, visto que todos elles, sem distincção, estavam já sob custodia a bordo da náu.

É de notar que a carta de secretaria, a que acima nos referimos, alterava, em parte, o disposto nas cartas regias aos governadores, porquanto dizia em *post-scriptum* que, não obstante as resoluções alli contidas, era o conde de S. Vicente que ficava encarregado do embarque dos jesuitas. E cabia tambem aos governadores aromptar os mantimentos que fossem necessarios por conta da fazenda real.

3.º Cartas de officio ás camaras municipaes do Funchal, Horta, Angra e Ponta Delgada, com exemplares authenticos da *Collecção dos breves pontificios, leis regias e officios*, para os guardarem em seus archivos.

4.º Aviso em que o governador do castello de S. João Baptista em Angra era prevenido de que, supposto não mandar na cidade, o poderia fazer n'essa occasião, em cumprimento das ordens que recebesse do conde de S. Vicente.

5.º Outro ao corregedor das ilhas para coadjuvar o mesmo conde em tudo que fosse mister.

6.º Portaria a todas as authoridades civis, militares e de fazenda, e ainda pessoas particulares dos povos dos Açores, para immediatamente prestarem todo o auxilio, favor e ajuda que lhes fossem pedidos pelo conde de S. Vicente, ficando, bem entendido, responsaveis de qualquer detrimento que, por falta de assistencia da sua parte, padecesse a commissão de serviço publico de que elle ia incumbido.

Taes foram as providencias dadas pelo governo de D. José i. Vejamos agora como se effectuou o embarque dos religiosos expulsos das ilhas adjacentes.

Na Villa da Horta eram duas para as tres horas da noite do primeiro de agosto quando na portaria do collegio de S. Francisco Xavier (hoje egreja matriz) se apresentaram o capitão-mór Thomaz Francisco Brum da Silveira Porraz Taveira e o juiz ordinario Antonio Soares de Evora, capitão mandante, os quaes fizeram entrega de onze regulares que alli havia, a saber, o reitor e mais cinco jesuitas do quarto voto, o padre mestre de latim e o perfeito dos estudos, ambos do terceiro voto, com o dispenseiro, o procurador da ilha do Pico, e o sacristão ao conde de S. Vicente que em acto continuo «os fez conduzir com toda a solemnidade a bordo da nau «*Nossa Senhora da Natividade*» — diz o auto de entrega.

Relação extrahida do auto de entrega dos padres da Companhia denominada de Jesus da villa da Horta, que embarcaram em a nau Nossa Senhora da Natividade.

Padres do quarto voto: — Antonio de Andrade, reitor; Joaquim José; Domingos Antunes; André Rebello; Diogo Alvares; Manuel Mourão.

Padres do terceiro voto: — José de Paiva, mestre de latim; Luiz de Paiva, perfeito dos estudos.

O irmão Lobato, dispenseiro; o irmão José da Cruz, procurador da ilha do Pico; o irmão Luiz Ferreira, sacristão. [1]

Alberto Telles.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

What ho! what ho! this fellow is dancing mad.
He hath been bitten by the Tarantula.

ALL IN THE WRONG

Ha bastantes annos contrahi amizade intima com um individuo chamado William Legrand. Descendia de uma antiga familia protestante e tinha sido rico; mas uma serie de infortunios reduzira-o á miseria. Para evitar a humilhação que sobreviria aos seus desastres, sahiu de Nova Orleans, cidade dos seus avós, e passou a residir na ilha de Sullivan, cerca de Charleston, na Carolina do Sul.

Esta ilha é uma das mais singulares. O solo compõe-se unicamente de areia, e tem cerca de tres milhas de largura; o comprimento não excede um quarto de milha. Está separada do continente por um quasi imperceptivel ribeiro que se infiltra atravez de um deserto de cannas e lodo, ponto de reunião predilecto das galinholas.

A vegetação, como se póde suppor, é escassa, ou para melhor dizer, anã. Não se vêem alli arvores de certa importancia. Quasi na extremidade occidental, no sitio onde se ergue o forte Moultrie e algumas miseraveis barracas de madeira, habitadas de verão pelos que fogem á poeira e febres de Charleston, encontra-se a palmeira anã settigera; mas exceptuando essa parte occidental e uma faixa esbranquiçada, de aspecto triste, na costa do mar, toda a ilha é coberta de myrto odorifero, planta que os horticultores de Inglaterra teem em grande estima. O arbusto attinge alli ordinariamente uma altura de quinze ou vinte pés, e fórma uma matta quasi impenetravel, que impregna a atmosphera com os seus perfumes.

Foi no interior d'esta matta, não longe da extremidade oriental ou mais solitaria da ilha, que Legrand construiu uma pequena choupana onde vivia quando pela primeira vez, e por acaso, travei com elle conhecimento. As simples relações em breve degeneraram em amizade, porque havia no solitario qualidades de sobra para excitar interesse e estima. Achei-o bem educado, com faculdades intellectivas pouco communs, mas atacado de misanthropia e sujeito a alternativas de melancholia e enthusiasmo. Tinha muitos livros, mas raramente se servia d'elles. As suas principaes distracções consistiam em caçar e pescar, ou vaguear pela praia e por entre as murtas colhendo conchas e especimens entomologicos; a collecção que elle possuia d'estes ultimos invejaria a um Swammerdamm. Nos seus passeios era acompanhado ordinariamente por um preto velho, chamado Jupiter, que tinha sido alforriado antes dos transtornos da familia, mas a quem nunca puderam resolver, nem com ameaças nem com promessas, a desistir, do direito que se errogara de seguir por toda a parte os passos do seu senhor moço *Massa Will*. É provavel que os parentes de Legrand, julgando-o um pouco fraco da cabeça, alimentassem a obstinação de Jupiter, com o fim de terem sempre um guardião junto do fugitivo.

Na latitude da ilha de Sullivan poucas vezes os invernos se apresentam com todo o seu rigor, e é muito raro sentir-se alli a necessidade do fogo quando o anno declina. Comtudo pelo meado de outubro de 18... houve um dia de frio extraordinario.

N'esse dia, pouco antes do pôr do sol, resolvime a abrir caminho atravez da matta até a choupana do meu amigo, a quem eu não visitava havia já algumas semanas. Vivia eu então em Charleston, a umas nove milhas da ilha, e para ir e voltar não eram tantas as facilidades como actualmente. Ao chegar á pobre casinha, bati como de costume, e não me respondendo ninguem, procurei a chave no sitio onde eu sabia que estava escondida, abri a porta e entrei. Crepitava um bello fogo na chaminé. Foi para mim uma surpresa e das mais agradaveis, sem duvida. Tirei o sobretudo, arrastei uma poltrona para junto das achas crepitantes e esperei pacientemente o regresso dos meus hospedes.

Chegaram pouco depois de anoitecer, e fizeram-me o mais cordial acolhimento. Jupiter, rindo a bandeiras despregadas, preparava muito aforçuradamente algumas gallinholas para a ceia. Legrand estava com um dos seus ataques — como lhes hei de chamar? — de enthusiasmo. Tinha encontrado um bivalve desconhecido, que constitue um genero novo, e, mais do que isto, conseguira apanhar um *scarabœus* que lhe parecia ser de uma especie completamente nova, e a respeito do qual desejava que eu no dia seguinte lhe desse a minha opinião.

«E porque não ha de ser esta noite? pergunteilhe eu, esfregando as mãos sobre o brazeiro, e mandando mentalmente de presente ao diabo toda a raça dos *escaravelhos*.

«Não saber eu que estavá aqui! disse Legrand; mas ha tanto tempo que não o vejo; e como podia eu adivinhar que o meu amigo havia de escolher exatamente esta noite para me pagar a visita? Na volta para casa encontrei o tenente G... do forte, e estupidamente emprestei-lhe o escaravelho; de sorte que só amanhã o poderá ver. Fique cá esta noite, e eu digo a Jupiter para o ir buscar ao nascer do sol. É a cousa mais bella da creação!

«O que? o nascer do sol?

«Que disparate! Não! — o escaravelho. É de uma côr de ouro brilhante, quasi do tamanho de uma noz de *hickory*, com duas malhas pretas como azeviche em uma das extremidades do dorso e uma terceira malha um pouco alongada na outra extremidade. As *antennas* são...

«*Não tin* (estanho) n'elle, Massa Will, diz eu ao senhor moço, interrompeu Jupiter; o escaravelho ser um escaravelho de ouro massiço todo elle por dentro e por fóra, menos as azas; eu nunca tem visto na minha vida escaravelho nem a metade pesado que esse.

«Bem, supponhamos que a cousa é assim, replicou Legrand, com mais seriedade, ao que me pareceu, do que o caso pedia; será isso razão bastante para deixar queimar as aves? A côr do insecto, proseguiu elle voltando-se para mim, basta com effeito para tornar plausivel a idea de Jupiter. Nunca vi nada mais brilhante do que aquillo; só amanhã poderá apreciar. Emtanto vou ver se lhe posso dar uma leve idea da fórma.

Dizendo isto, sentou-se a uma mesa pequena, onde havia tinteiro e penna, mas não papel. Procurou-o em uma gaveta e não o achou.

«Não importa, disse elle por ultimo, isto póde servir; e tirando da algibeira do collete uma tira que eu tomei por um boccadito de papel muito sujo, começou para alli a desenhar com a penna uma figura.

(Continua.)

Francisco de Almeida.

RESENHA NOTICIOSA

CARTA RECEBIDA. Com respeito ao artigo publicado em o n.º 348, sob a epigraphe *Eduardo Augusto da Silva*, recebemos uma carta do sr. Gomes de Brito, membro da commissão executiva do monumento a Alexandre Herculano e secretario da mesma, em que nos declara não ter «a vantagem» de conhecer o sr. Eduardo Augusto da Silva, auctor do monumento a Alexandre Herculano.

JURAMENTO DO PRINCIPE REGENTE. Realisou-se no dia 3 de corrente, pelas 5 horas da tarde, na presença das cortes portuguezas, reunidas extraordinariamente, o juramento de Sua Alteza o Principe D. Carlos, regente do reino, na ausencia de El-Rei D. Luiz. O juramento verificou-se com o ceremonial do costume.

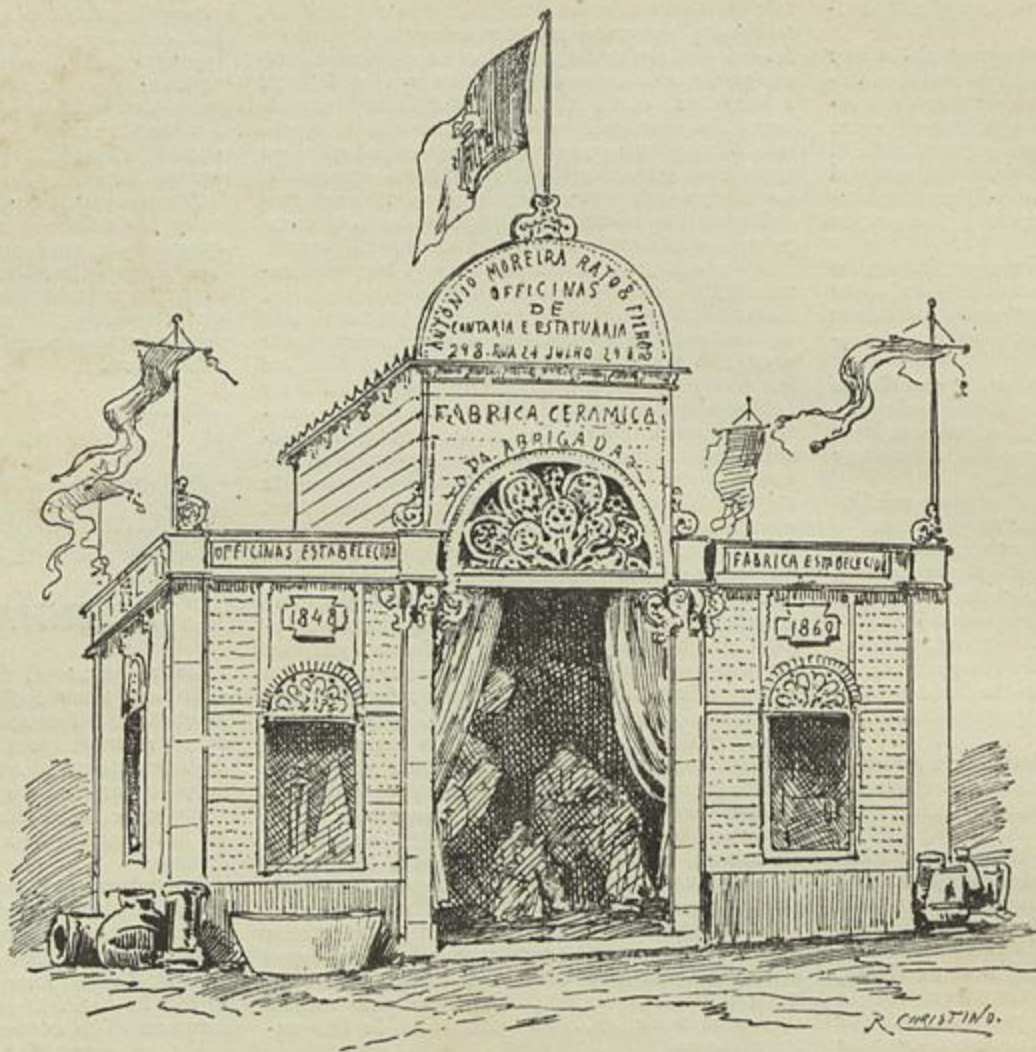
VIAGEM REAL. El-Rei D. Luiz partiu de Gotha no dia 30 de Agosto, com destino a Sigmaringem, por Francfort, onde chegou no dia 31, hospedando-se no *Hotel Inglez*. No dia 1 do corrente chegou a Sigmaringem, sendo esperado na estação pela princeza D. Antonia, sua augusta irmã, acompanhada de seu esposo, o principe Leopoldo de Hohenzollern, e seu filho, o principe Fernando de Hohenzollern. O encontro de D. Luiz com sua augusta irmã, foi commovedor, abraçando-se e beijando-se mutuamente. Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e Sua Alteza o infante D Affonso, chegaram a Sigmaringem depois de terem estado em Gastein, onde a rainha D. Maria Pia fez uso das aguas. No dia 7 partiram os reaes viajantes para Turim, por Lucerna, acompanhados pelo sr. Alfredo Anjos, ministro portuguez em Berne. Na tarde d'esse dia chegaram a Zurich, onde pernoitaram, seguindo na manhã seguinte para Lucerna. N'esta cidade receberam os cumprimentos dos condes de Altrapani e outros principes italianos, e do ministro portuguez em Roma, sr. Martens Ferrão, sua esposa e filha e mais pessoal da legação portugueza. No dia 8, á noite, partiram para Turim, onde chegaram no dia 10, para assistirem ao casamento do principe Amadeu, duque de Aosta.

O QUADRO «MOLHADO ATÉ AOS OSSOS» DE SOUZA PINTO. Este magnifico quadro que reproduzimos em gravura no numero 347 do nosso periodico, tem obtido grande acceitação em França e na Allemanha. O *Figaro Salon* publicou em tempo uma gravura d'este quadro; agora o editor Goupil vae publicar uma reproducção do mesmo quadro, e o celebre Brand'amour, da Allemanha, comprou ao sr. Souza Pinto o direito de reproduzir a sua tela em photo-gravura. D'este modo vae ter grande publicidade em França e na Allemanha o quadro do nosso compatriota.

TELEPHONE ENTRE A CIDADE DE LISBOA E A CIDADE DO PORTO. A administração dos correios e telegraphos encarregou mr. Mourlon, de Bruxellas, do fornecimento do material, para estabelecer uma linha telephono-telegraphica entre a nossa capital e a cidade do Porto.

A LUCIA LIMA. Este pequeno arbusto, que os botanicos denominam *Lippia Citriadora*, *Verbena-triphylla ou ainda Aloisia citriadora*, e que é vulgarmente conhecida com o nome da nossa

[1] *Archivo dos Açores*, vol. 1, pag. 388.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

PAVILHAO DOS SRS. MOREIRA RATO & FILHOS — VIDE PAG. 155 DO PRESENTE VOL.

(Desenho de J. Christino)

epigraphe, ou *Limonete* e *Verbena cidrada*, é um condimento magnifico, que substitue vantajosamente o limão, as hortelãs e outras hervas condimentares. Cultivae, leitoras, a aromatica planta, em vossos jardins e tereis um bello condimento para temperar a vossa cosinha.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Carne por Julio Ribeiro. S. Paulo, Teixeira & Irmão, editores, 1888. Um vol. in-8.º de 278 pag. e mais XIV de Glossario. O auctor d'este livro é um dos mais distinctos escriptores brazileiros, de muito talento e grande admirador de Zola, seguindo-lhe os seus processos realistas com distincção, e sem perda de individualidade, no que está a prova do seu superior talento. *A carne* é precisamente o titulo que convinha a este livro, é ella que domina na singela acção que se desenrola nas suas paginas, com todas as realidades de que é capaz. Nós não morremos de amores por este genero de litteratura paradiziaca, e cada vez mais nos felicitamos por isso, pois é certo que o genero tem de tal modo abarrotado, que os proprios amadores parecem já sufficientemente saciados, e o *realismo* vae principiando a viver para a historia, de companhia com o *impressionismo*, dois productos doentios d'este descahir do seculo. Modas, e mais nada. Ainda esperamos encontrar o sr. Julio Ribeiro no nosso terreno. Zola tambem vae modificando os seus processos e ao sr. Julio Ribeiro sobra-lhe talento para mudar de rumo, para nos deliciar com uma sã litteratura. O seu espirito é fino bastante e póde triumphar das escabrosidades do *realismo* tuberculoso d'esta geração anemica, que faltando-lhe os ideaes dos grandes espiritos, quer ver epopeias no lupanar ou na taberna entre a fumarada do cigarro e os vapores do alcool.

Relatorio *dos actos da direcção da Associação Commercial do Porto no anno de 1887, apresentado á assemblea geral em sessão de 18 de julho de 1888, sendo 1.º secretario John H. Andresen Junior.* Porto, Typographia do Commercio do Porto. 1888. Um vol. in-8º de 279 pag. e 16 mappas estatisticos. Este relatorio, pelo seu desenvolvimento, não é simplesmente uma relação dos actos e vida da *Associação Commercial do Porto*, mas um livro que muito interessa ao paiz, porque os dados estatisticos que fornece são um estudo importante para a sua vida economica. É difficil dar em uma simples noticia a summula d'este livro, por isso nos limitamos a recommendar a sua leitura aos que mais cultivam as questões economicas. É um reclame insuspeito, porque o livro não está á venda.

O Testamento Vermelho por Xavier de Montepin, traducção de A. M. da Cunha e Sá, com aguarellas por Manuel de Macedo. David Corazzi, editor, Lisboa, 1888. Volume I. *O Testamento Vermelho* é um grande romance e a mais recente producção de Xavier de Montepin, o romancista mais popular hoje na França e não menos em Portugal. Descrever a acção d'este romance não é coisa facil de fazer em poucas linhas, é muito mais facil lêl-o, devorar com os olhos e com o espirito as suas paginas, da primeira á ultima, atraz do interesse crescente que prende o leitor, e o faz esperar impaciente pela continuação. É esta a recommendação mais sincera que podemos fazer d'esta obra.

Boletim *de la Societé Academique Franco-Hispano-Portugaise de Toulouse (Subventionnée par le conseil general de la Haute-Geronne et par la Ville de Toulouse)* Tomo VIII, deuxiéme trimestre, année 1888, numero 2. O summario é o seguinte: Comptes rendu et actes de la Société; Hommes d'Etat poetes, M. Vasile Alexandre, étude litteraire par M. Leonce Cazaubon.

Algumas palavras *sobre a officina de instrumentos de precisão de M. Herrmann e sobre os productos que esta casa expõe*, etc. Lisboa, 1888, Typographia Castro Irmão. Um folheto de 16 paginas, publicado a proposito da Exposição Industrial Portugueza, onde o sr. Herrmann figura com os seus productos muito vantajosamente.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes, um supplemento, retrato de — MANUEL PINHEIRO CHAGAS.

Para a venda avulso regulam as mesmas condições dos supplementos que se tem publicado.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa

SUPPLEMENTO AO N.º 350 DO OCCIDENTE

11 DE SETEMBRO DE 1888

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

GRAVURA DE CAETANO ALBERTO

(Segundo uma photographia de Biel)